

Sandra Reimão

Universidade de São Paulo –
USP
E-mail: sandrareimao@usp.br

Jane Aparecida Marques

Universidade de São Paulo –
USP
E-mail: janemarq@usp.br

Manuella Vieira Reale

Universidade de São Paulo –
USP
E-mail: manureale@gmail.com

**Gabriella Lopes Mariano
de Matos**

Universidade de São Paulo –
USP
E-mail:
gabriellamariano@usp.br

Beatriz Pavani Cherobin

Universidade de São Paulo –
USP
E-mail:
beatrizcherobin@usp.br



Este trabalho está licenciado sob
uma licença [Creative Commons
Attribution 4.0 International
License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Copyright (©):

Aos autores pertence o direito
exclusivo de utilização ou
reprodução

ISSN: 2175-8689

**Cenas de Leitura em Grafites
Paulistanos**

Reading Scenes in São Paulo Graffiti

*Scènes de Lecture dans les Graffittis de São
Paulo*

Reimao, S., Marques, J. A., Reale, M. V., Matos, G. L. M. de,
& Cherobin, B. P. Cenas de leitura em grafites
paulistanos. Revista Eco-Pós, 27(3), 523–537.
<https://doi.org/10.29146/eco-ps.v27i3.28209>

RESUMO

Este texto apresenta resultados de um trabalho que teve por objetivo identificar cenas de leitura em grafites paulistanos em espaços públicos e buscar compreender que tipos de associações essas imagens poderiam propiciar. A questão analítica na abordagem desses grafites é a da busca das possíveis conotações dessas imagens no que diz respeito a propiciar a disponibilidade do receptor para o ato de ler. Está dividido em duas partes: na primeira realizamos uma breve cronologia de alguns destaques da história do grafite em São Paulo; na segunda analisamos alguns grafites paulistanos com cenas de leitura.

PALAVRAS-CHAVE: *Leitura; Grafite; Livro; São Paulo.*

ABSTRACT

This text presents the results of a study aimed at identifying reading scenes in São Paulo graffiti in public spaces and trying to understand what kind of associations these images could make. The analytical issue in approach to these graffiti is the search for the possible connotations of these images in terms of making the receiver available for the act of reading. In the first, we provide a brief chronology of some highlights in the history of graffiti in São Paulo; in the second, we analyze some graffiti from São Paulo with reading scenes.

KEYWORDS: *Reading; Graffiti; Book; São Paulo.*

RÉSUMÉ

Ce texte présente les résultats d'une étude visant à identifier des scènes de lecture dans les graffitis de São Paulo dans les espaces publics et à essayer de comprendre le type d'associations que ces images peuvent faire. L'enjeu analytique de l'approche de ces graffitis est de rechercher les connotations possibles de ces images en ce qui concerne la disponibilité du récepteur pour l'acte de lecture. Est divisé en trois parties: dans la première, nous proposons une brève chronologie de quelques moments forts de l'histoire du graffiti à São Paulo ; dans la seconde, nous avons analysé quelques graffitis de São Paulo avec des scènes de lecture.

MOTS-CLÉS: *Lecture ; Graffiti ; Livre; São Paulo.*

Submetido em 25 de fevereiro de 2024.

Aceito em 21 de outubro de 2024.

Introdução

Este estudo aborda alguns grafites encontrados na cidade de São Paulo (SP) em que estão representadas cenas de leitura. A questão analítica na abordagem desses grafites é a da busca das possíveis conotações dessas imagens no que diz respeito a propiciar a disponibilidade do receptor para o ato de ler. Este estudo está dividido em duas partes: Parte I - alguns destaques da história do grafite em São Paulo; Parte II - abordagem analítica alguns grafites com cenas de leitura.

1 Parte I - Alguns destaques do grafite em São Paulo a partir dos anos 1970

Nos anos iniciais da ditadura militar brasileira — que perdurou de 1964 a 1985 — os opositores ao regime vigente tinham na pichação uma arma com que externavam sua resistência. Uma frase muito utilizada pelos pichadores era a escrita sem floreios: *Abaixo a ditadura*.

A partir do final da década de 1970, paredes e muros voltados para o espaço público no município de São Paulo (SP) passaram a abrigar um crescente número de intervenções plásticas elaboradas em diferentes técnicas. No grafite paulistano da década de 1970 há repercussões e diálogos com os grafites franceses de maio de 1968 e com as intervenções no metrô de Nova York alguns anos depois (Fonseca, 1989).

Em 1978, Alex Vallauri criou com molde vazado (máscara) o grafite Bota Preta — a imagem de uma bota feminina com salto alto e fino — que, entre 1978 e 1980, foi inúmeras vezes reproduzida pela cidade de São Paulo. Ao longo dos meses essa imagem foi sendo completada até chegar a uma mulher inteira e inserida em diferentes cenas — os moradores de São Paulo acompanharam essa evolução. Além das botas, aparecem também luvas femininas pretas longas, peões de girar, acróbatas e gravatas listradas. Anteriormente, nos anos de 1971, 1972 e 1977, Alex Vallauri havia exposto desenhos e gravuras nas Bienais de São Paulo. João J. Spinelli explicita que:

por serem singulares, alegres e, em especial, por se referirem à mitologia urbana das histórias em quadrinhos e por atuarem com reinterpretações visuais de objetos da cultura de massa, as imagens idealizadas por Alex Vallauri estampadas nas paredes e muros de São Paulo conquistaram o público em geral (Spinelli, 2010, p. 35).

Nessa mesma época, Hudinilson Júnior começava a grafitar por São Paulo à mão livre com tinta aerossol, uma boca vermelha carnuda, acompanhada de frases como *Ah Ah Beije-me*. Por acaso, Alex Vallauri e Hudinilson Júnior se encontraram em 1979 quando grafitavam o mesmo muro branco no centro da capital paulista e ficaram parceiros e amigos — união criativa altamente inovadora e fecunda. A partir da metade da década de 1970, além de Alex Vallauri e Hudinilson Júnior, Carlos Matuck, Waldemar Zaidler, Mauricio Villaça e John Howard formam o primeiro grupo a intervir nos muros e paredes de São Paulo com formas figurativas.

É necessário fazermos aqui uma distinção bastante genérica e inicial entre pichação e grafite — a denominação pichação é usada no Brasil para indicar intervenções no geral monocromáticas (em tinta preta) as quais são criadas a partir de letras; já por seu turno, a nomenclatura grafite se refere, no geral, a arte de rua feita com as mais diferentes configurações plásticas, cores e técnicas (frequentemente tinta em aerossol), utilizando ou não referências a alfabetos (Lassala, 2017).

A partir das atividades de Alex Vallauri e Hudinilson Júnior, muitos jovens, especialmente dos bairros periféricos, passaram a ver os muros das ruas como espaços a serem apropriados e recobertos por novos sentidos e significados. O grafite dos anos 1980 é muito vinculado à cultura musical do hip-hop e à dança break, que tinham um ponto de encontro regular no Largo São Bento, no centro de São Paulo. Importante notar que nessas décadas iniciais tanto a pichação quanto o grafite eram proibidos e realizá-los era uma atividade clandestina e perigosa — ação que envolvia uma boa dose de risco e coragem.

Entre os grafiteiros em atuação nos anos 1980 em São Paulo temos que destacar, entre outros: grupo 3nós3, Speto, Binho (Fábio Luis Santos Ribeiro), Tinho, Celso Gitahy, Ivan Viana Sudbreck, Walter Silveira e Ozi (Ozéas Duarte). Em 1987, o Túnel da Paulista, conhecido como buraco da Paulista, o túnel de ligação entre as Avenidas Consolação, Rebouças, Doutor Arnaldo e Paulista, foi grafitado em uma intervenção não autorizada por Alex Vallauri, Grupo Tupinãodá, John Howard, Waldemar Zaidler, Ozeas Duarte e Vado do Cachimbo (Paixão, 2011). Nessa mesma época, Vallauri e o grupo Tupinãô começaram a grafitar no Beco do Batman, uma viela entre as Ruas Harmonia e Medeiros de Albuquerque, no bairro de Pinheiros.

Em 27 de abril de 1987 Alex Vallauri falecera, vítima da Síndrome da Imunodeficiência Humana (Aids). Em homenagem ao artista, partir de então, grupos de grafiteiros passaram a

comemorar, nesse dia, o dia do grafite. Em 2004, através da Lei n.º 13.903, de 4 de novembro, a data foi incluída oficialmente no calendário do município de São Paulo (São Paulo, 2004). Durante a gestão da prefeita Luiza Erundina, de 1º de janeiro de 1989 a 31 de dezembro de 1992, em conjunto com políticas para promoção da cultura entre jovens, a administração municipal esteve mais aberta para os grafiteiros e, entre outras iniciativas, autorizou os grafiteiros a pintarem nos pilares do Elevado Costa e Silva (conhecido como Minhocão). Foram realizados também vários cursos nas Casas de Cultura da Prefeitura de São Paulo que envolvem o grafite. Sem dúvida, o apoio da gestão Erundina à cultura jovem e periférica foi fundamental para a grande expansão do grafite em São Paulo, na década de 1990, especialmente na periferia.

Os anos 2000 viram a consagração dos dois nomes principais (e de reconhecimento internacional) do grafite no Brasil: Kobra e Os Gêmeos. Eduardo Kobra com seus imensos murais, muitos deles coloridos e com bases geométricas, se torna um dos mais importantes grafiteiros do mundo, tendo relevantes obras nos cinco continentes (Cf. sítio eletrônico Eduardo Kobra e filme Kobra Auto Retrato (2022)). Ao mesmo tempo, ocorre também a consagração da dupla Os Gêmeos (Gustavo e Otávio Pandolfo) com seus imensos murais grafitados com, entre outros, seus estranhos grandes homens achatados distorcidos com cabeças grandes e pernas bem finas.

Durante a gestão do então prefeito de São Paulo Gilberto Kassab, com duração de mais de seis anos, de 31 de março de 2006 a 31 de dezembro de 2012, destaca-se uma relação bastante conflituosa com o universo do grafite (Cf. filme Cidade Cinza, 2013), dirigido por Marcelo Mesquita e Guilherme Vallengo.

O grafite foi descriminalizado no Brasil no ano de 2011 quando a presidente da República, Dilma Roussef, ao sancionar a Lei n.º 12.408, de 25 de maio de 2011 (Brasil, 2011). Esta mudança legal reconheceu o grafite como uma forma de manifestação artística, desde que realizado com autorização e em prol da expressão cultural. A Lei n.º 12.408 altera o art. 65 da anterior Lei n.º 9.605, que identificava pichação e grafite como crimes.

Em 2011 teve início o Museu Aberto de Arte Urbana (Mauu) localizado na Zona Norte da capital Paulista, na Avenida Cruzeiro do Sul, 2611, no Bairro Santana. O Mauu foi realizado com

autorização e apoio da Secretaria Estadual de Cultura de São Paulo. Os painéis são regularmente renovados. A curadoria é de Binho Ribeiro e Chivitz¹

Desde os anos 2000, o Beco do Batman chama cada vez mais atenção como local de amplos e elaborados grafites. Em 2015 a viela foi fechada para carros e ganhou iluminação noturna. É um dos pontos mais visitados da cidade de São Paulo, por apreciadores de arte urbana.

O ex-prefeito de São Paulo Fernando Haddad, que administrou à cidade por quatro anos, de 1º de janeiro de 2013 a 31 de dezembro de 2016, implementou várias ações de autorização e apoio ao grafite na cidade. Muitas das obras de grafite realizadas nas ruas da capital paulista nesse período foram *apagadas* na gestão seguinte — do ex-prefeito João Doria, que cuja gestão foi no período de janeiro de 2017 a abril de 2018. Enquanto isso, Bruno Covas, ex-prefeito da cidade de São Paulo, de abril de 2018 a maio de 2021, apoiou várias manifestações artísticas, inclusive de arte de rua, sendo que o grafite teve uma cota de verba especial para seu financiamento.

Duas leis municipais promulgadas recentes podem vir a ter grande impacto na expansão do grafite em São Paulo: a Lei n.º 17.595, de 10 de agosto de 2021, que dispõe sobre as diretrizes orçamentárias para o exercício de 2022. (São Paulo, 2021) , e a Lei n.º 17.896, de 6 de janeiro de 2023 (São Paulo, 2023), que dispõe sobre a utilização de espaços da cidade para a arte do grafite. A primeira delas, no item XXIV, autoriza o uso de verbas públicas para obras de grafites em unidades habitacionais e recuperação de fachadas. E a Lei n.º 17.896/2023 reconhece o grafite como manifestação artística e cria o Programa Municipal de Fomento ao Grafite.

2 Parte II - Cenas de leitura em três grafites em São Paulo

Ao longo dos séculos ocorreram diferentes configurações dominantes nas formas de praticar o ato de ler. Na longa duração da história da leitura, especificamente no mundo europeu ocidental, de maneira geral, pode-se dizer que até o século XVII a forma de leitura

¹Conforme informações disponíveis no site do próprio Museu. Disponível em: <https://museuabertodearteurbana.wordpress.com>.

dominante era a leitura em voz alta, oralizada, geralmente um único leitor para um conjunto de ouvintes.

Era assim que ocorria, por exemplo, nas primeiras comunidades cristãs, entre os séculos II a IV — um livro era lido em voz alta por um leitor para diversos ouvintes. Assim, através da prática da leitura oral, pode-se dizer que durante parte da história, o livro contava “mais com ouvintes do que com leitores” (Darnton, 1993, p. 170).

A partir do século XIII, com o advento das universidades na Europa, cresce o número de pessoas que realizam leitura silenciosa — como uma experiência interior — sem necessidade da vocalização externa. E a leitura silenciosa vai se tornar, aos poucos, a modalidade de leitura dominante. A passagem da leitura oralizada deu espaço para a leitura silenciosa, o que permitiu que uma prática — antes majoritariamente coletiva — começasse a entrar em foro privado (Darnton, 1993, p. 170).

Destaquemos também que leitura oral e leitura silenciosa, são também, do ponto de vista psicopedagógico, diferentes etapas da aquisição de competência linguística individual — a criança aprende a ler, inicialmente, em voz alta.

Do ponto de vista da história social das práticas de leitura é necessário fazer ainda outra grande bifurcação: a passagem da leitura intensiva (que se dedica a alguns poucos livros) para uma leitura extensiva (debruçado sobre muitos impressos).

A partir da primeira metade do século XVIII, a expansão do mercado editorial permitiu maior acesso aos livros. Torna-se possível o acesso a uma maior quantidade de obras, o que permite aos leitores passarem de um livro; ao outro com maior frequência e facilidade. Os leitores “viram-se inundados por novos tipos de livros — romances, jornais, variedades frescas e alegres de literatura infantil —, e liam-nos avidamente, descartando um tão logo encontravam outro” (Darnton, 1993, p. 166).

Essas mudanças modificam o processo de leitura que se torna íntimo, afastado da família ou da igreja. A leitura extensiva é realizada na intimidade, de maneira individual e silenciosa. As configurações do ato de ler são múltiplas, a leitura pode ser oral ou silenciosa, voltada a um ou a vários textos, pode ser pública ou privada, coletiva ou individual, apressada ou lenta. Diferentes formas de ler coexistem atualmente e desempenham diferentes funções.

Abordamos agora três grafites encontrados em espaços públicos na cidade de São Paulo em que estão representadas cenas de leitura. A questão central na abordagem analítica desses grafites é a da busca das possíveis conotações que essas imagens englobam no que diz respeito a potencial criação de disponibilidade no receptor para o ato de ler. A localização desses grafites se deu através de três procedimentos: 1) localização pelas pesquisadoras em andanças pela cidade; 2) consulta a sítios eletrônicos de grafiteiros; e 3) consultas a museus digitais paulistanos de grafites. Em nossas buscas por cenas de leitura em grafites em São Paulo, localizamos várias ocorrências vinculando leitura a prazer ou alegria, como podemos ver nos grafites 1 e 2 (Figuras 1 e 2).

Figura 1 – Grafite 1 de Malaca (recorte)²



Fonte: Sítio eletrônico Mar 360³.

No grafite apresentado na imagem 1, temos um trabalho elaborado pelo grafiteiro Malaca, (também denominado Rafa Malaca, ou Rafael Malaquias), localizado nos muros da Biblioteca Castro Alves, na Rua Abrahão Mussa, no bairro Sacomã, na Zona Sul de São Paulo. Na obra vemos uma criança negra em uma posição descontraída deitada no chão com a barriga para baixo, com um franco sorriso e uma expressão facial repleta de alegria, com certeza entusiasmada pela história lida em um livro de capa azul. O fundo também traz a tonalidade

² Local: Biblioteca Castro Alves, na Rua Abrahão Mussa.

³ Disponível em: <https://www.mar360.art.br/>.

azul indicando que a criança está lendo ao ar livre com grama ao chão e a céu aberto — em uma ação de leitura totalmente espontânea e fora do ambiente escolar. Páginas escritas e uma fita vermelha desenrolada voam ao redor da criança mimetizando os caminhos da leitura já efetivada e que se soltam no ar fazendo voar pensamentos e sensações. A frase *não sabes, criança [...]?* acompanhando a margem inferior da fita vermelha indicando o livro como veículo de conhecimento, de saber, de emoções e experiências. A obra se chama *O laço de fita*, tem extensão de 15 metros por 2 metros (15mX2m), finalizada em 2020. O autor homenageou o poeta Castro Alves (1847–1871), conhecido como poeta dos escravos, como nos informa a ficha catalográfica do museu MAR 360⁹. A frase *não sabes, criança [...]?* é o verso inicial do poema *Laço de Fita* no qual o poeta relata seu amor pela jovem Pepita, o poema integra o livro *Espumas Flutuantes*.

Figura 2 – Grafite 2 de Kel Nunes (recorte)⁴



Fonte: Sítio eletrônico Mar 360⁵.

Outro grafite, também localizado no acervo do museu MAR 360⁹ retratando cenas de leitura (Figura 2) é a obra de Kel Nunes (ou Kel JC), na Avenida Nordestina, 780, Vila Americana, em São Miguel Paulista, na Zona Leste de São Paulo. A obra foi grafitada em paredes externas da Biblioteca Raimundo de Menezes, medido 93m² (metros quadrados), finalizada em 2020. O objetivo da pintura, segundo a ficha catalográfica do museu foi *atrair o*

⁴ Local: Avenida Nordestina, 780.

⁵ Disponível em: <https://www.mar360.art.br/>.

público para a biblioteca. Nesse grafite encontramos três jovens lendo coletivamente um livro e completamente absortos nessa atividade — este mergulhar na leitura é retratado na imagem com o grupo circundado por nuvens de letras soltas e por livros extremamente grandes.

Chamou-nos a atenção, de modo especial, o grafite (Figuras 3 e 4) com representações de cenas de leitura localizado na parte externa dos muros que cercam a Escola Municipal de Educação Infantil Rodrigo Soares Júnior, na Rua Caiçara do Rio do Vento, 237, no bairro Parque Cisper, na Zona Leste de São Paulo. As técnicas usadas foram: pistolas do tipo aerógrafo alimentadas por compressores de ar, tintas spray aerossol, tintas acrílicas e esmaltes sintéticos. Há assinatura do artista Rony e a indicação da data: Julho/Agosto de 2022.

Figura 3 – Grafite 3, cena 1, assinado por Rony⁶



Fonte: fotografado por Gabriella de Matos (out. 2023).

⁶ Local: Rua Caiçara do Rio do Vento, 237.

Figura 4 – Grafite 3, cena 2, assinado por Rony⁷



Fonte: fotografado por Gabriella de Matos (out. 2023).

Essa obra, que acompanha horizontalmente as subdivisões do muro da escola, é composta por ilustrações de diferentes tamanhos. Cada subdivisão do muro tem 2,05 metros de altura e larguras variáveis entre 2,76 metros e 1,84 metro (2,76mX1,84m). Essa obra foi localizada pelas pesquisadoras em andanças exploratórias pela Zona Leste de São Paulo.

Na primeira cena (Figura 3), uma criança do sexo feminino, negra, é retratada sentada lendo um livro, está cercada por lápis de cor agigantados, representado o material escolar. A menina demonstra entusiasmo pela leitura — está com um franco sorriso no rosto — e utiliza uma pilha de livros como assento, indicando outras passadas ou futuras leituras.

A segunda cena (Figura 4), é um conjunto com três subdivisões. Na primeira subdivisão, uma menina negra deitada lê sozinha — o sorriso da menina, os pés levantados e a companhia de três borboletas indicam a felicidade da menina no ato de leitura individual, provavelmente silenciosa. Na segunda subdivisão, dois meninos brancos, sendo um deles cadeirante, carregam alegres seus livros. Por último, temos duas crianças, um menino indígena e uma menina loira, cada um com um livro nas mãos, talvez lendo um para o outro ou debatendo uma leitura. Todas as crianças retratadas estão se divertindo ao ar livre, todas possuem livros em suas mãos e expressam alegria. A presença de borboletas na cena pode

⁷ Local: Rua Caiçara do Rio do Vento, 237.

simbolizar a leitura como uma forma de despertar a criatividade e a imaginação dos jovens leitores.

Figura 5 – Grafite 3, cena 3, assinado por Rony⁸



Fonte: fotografado por Gabriella de Matos (out. 2023).

Figura 6 – Grafite 3, cena 4, assinado por Rony⁹



Fonte: fotografado por Gabriella de Matos (out. 2023).

⁸ Local: Rua Caiçara do Rio do Vento, 237.

⁹ Local: Rua Caiçara do Rio do Vento, 237.

Com relação à cena 3 do grafite 3, uma menina sorridente de cabelos castanhos lê um livro de capa cor de laranja. A forte cor da capa do livro, o sorriso e os olhos bem abertos indicam o envolvimento positivo da criança com o ato de leitura — como que a afirmar que a eficiência de um ato de leitura se dá por sua vinculação com alegria e prazer (sobre o tema do prazer da leitura ver Travancas, 2020, p. 20).

Na quarta cena (grafite 3, cena 4) um grupo de quatro crianças divide-se em pares: uma menina branca e um menino indígena de um lado de um globo terrestre e um menino ruivo e um menino negro do outro. A primeira dupla observa um telescópio, enquanto a segunda dupla utiliza livros e dispositivos móveis, como tablets e smartphones. A justaposição do livro impresso com materiais tecnológicos de ciência e comunicação é a ênfase deste painel.

É perceptível o envolvimento das crianças com livro retratado de maneira positiva. O autor enfatiza tanto a leitura individual silenciosa quanto a leitura discutida e compartilhada como fontes da alegria ao ler. Além disso, na cena 4, ao incluir na imagem telescópios, celulares e tablets, o artista destaca que, na contemporaneidade, os livros devem ser vistos como parte de um diálogo ativo com outros meios de comunicação e tecnologias.

O criador do grafite, além disso, demonstra grande sensibilidade ao representar a diversidade étnica e a acessibilidade, ao incluir diferentes etnias e uma criança com deficiência motora, enfatizando que o hábito da leitura no contexto da educação deve ser inclusivo, amplo e diverso.

Considerações finais

No século XXI, particularmente a partir da segunda década, percebe-se mudança significativa nas políticas das administrações municipais da cidade de São Paulo em relação ao grafite. Após um período marcado por intensos debates e conflitos, o grafite foi reconhecido como uma forma artística relevante na paisagem urbana e adotaram políticas públicas para seu incentivo e valorização.

O grafite é uma arte de rua e na rua, se apresenta, se impõe a todos que por lá circulam e com eles dialoga em torno de temas e valores. Por sua abrangência e disponibilidade, o grafite

pode ser um excelente veículo para disseminação de políticas públicas — inclusive, com a representação de cenas de leitura, pode auxiliar a transformar o Brasil em um país de leitores.

Referências

- BRASIL. Lei n.º 12.408, de 25 de maio de 2011. Altera o art. 65 da Lei n.º 9.605, de 12 de fevereiro de 1998, para descriminalizar o ato de grafitar, e dispõe sobre a proibição de comercialização de tintas em embalagens do tipo aerossol a menores de 18 (dezoito) anos. Disponível em: [L12408](#).
- CHAMIE, L. *Kobra Auto Retrato*. Brasil. Girafa Filmes, 2022.
- CIDADE Cinza. *Filme*. Dirigido por Marcelo Mesquita e Guilherme Vallengo. 1h20min
- DARNTON, Robert. *O Beijo de Lamourette*. Mídia, cultura e revolução. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.
- KOBRA Auto Retrato. Filme. 1h24min (2022).
- FONSECA, Cristina. *A poesia do acaso* (na transversal da cidade). São Paulo: T. A. Queiroz, 1989.
- GITAHY, Celso. *O que é Graffiti*. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- KOBRA, Eduardo. Site eletrônico *Kobra*. Disponível em: <https://www.eduardokobra.com/>. Acesso em: 23 fev. 2024.
- LASSALA, Gustavo. *Pichação não é pixação*. Uma introdução à análise de expressões gráficas urbanas. 2. ed. São Paulo: Altamira Editorial, 2017.
- MAAU. Museu Aberto de Arte Urbana de São Paulo. Disponível em: <https://museuabertodearteurbana.wordpress.com/>. Acesso em: 23 fev. 2024.
- MAR 360º. Museu de arte de Rua de São Paulo 360º. Disponível em: <https://www.mar360.art.br/>. Acesso em: 23 fev. 2024.
- PAIXÃO, Sandro J. C. *O meio é a paisagem: pichação e grafite como intervenções em São Paulo* (Dissertação). Programa Inter unidades em Estética e História da Arte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- SÃO PAULO (Capital). Lei n.º 13.903, de 4 de novembro de 2004. Inclui no calendário de São Paulo o dia do Grafite). Lei Municipal. Disponível em: [LEI Nº 13.903 DE 4 DE NOVEMBRO DE 2004 « Catálogo de Legislação Municipal](#).
- SÃO PAULO (Capital). Lei n.º 17.595, de 10 de agosto de 2021. Dispõe sobre as diretrizes orçamentárias para o exercício de 2022. Disponível em: [LEI Nº 17.595 DE 10 DE AGOSTO DE 2021 « Catálogo de Legislação Municipal](#).

SÃO PAULO (Capital). Lei n.º 17.896, de 6 de janeiro de 2023 (São Paulo, 2023). Dispõe sobre a utilização de espaços da cidade para a arte do grafite. Disponível em: [LEI Nº 17.896 DE 6 DE JANEIRO DE 2023 « Catálogo de Legislação Municipal](#).

SPINELLI, João J. *Alex Vallauri Graffiti*. São Paulo: BEI, 2010.

TRAVANCAS, Isabel. *A experiência da leitura entre adolescentes — Rio de Janeiro e Barcelona*. Curitiba: Appris, 2020.

Sandra Reimão – Universidade de São Paulo – USP

Professora Livre Docente da Universidade de São Paulo (USP) na Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH). Publicou, entre outros, *Repressão e resistência: censura a livros na ditadura militar brasileira* (2018).

E-mail: sandrareimao@usp.br

Jane Aparecida Marques – Universidade de São Paulo – USP

Professora Livre Docente da Universidade de São Paulo (USP) na Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH).

E-mail: janemarq@usp.br

Manuella Vieira Reale – Universidade de São Paulo – USP

Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). Bolsista Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) em gestão acadêmica de projetos.

E-mail: manureale@gmail.com

Gabriella Lopes Mariano de Matos – Universidade de São Paulo – USP

Graduanda em Marketing pela Universidade de São Paulo (USP). Aluna de Iniciação Científica (USP- Pesquisa).

E-mail: gabriellamariano@usp.br

Beatriz Pavani Cherobin – Universidade de São Paulo – USP

Graduanda em Marketing pela Universidade de São Paulo (USP). Aluna de Iniciação Científica (USP- Pesquisa).

E-mail: beatrizcherobin@usp.br